

## O OFÍCIO ACADÊMICO: SINGULAR OU PLURAL?

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos\*

O ensaio 'A carne e os ossos do ofício acadêmico' é um convite aberto a importantes reflexões para todos os envolvidos nos fazeres que configuram a vida acadêmica. Instigante, o texto levanta as múltiplas faces de uma ocupação tão central à vida da sociedade, pelo potencial de geração de novos conhecimentos, tecnologias e, sobretudo, formação de novas gerações de profissionais e de cidadãos.

O fazer acadêmico, especialmente nessa dimensão mais pessoal e que considera o contexto atual de transformação do mundo do trabalho, não é objeto de intenso interesse reflexivo e, menos ainda, investigativo pelo próprio professor/acadêmico. Olhamos mais para o mundo de fora com seus problemas tão complexos a desafiar a nossa curiosidade e busca de respostas e menos para as características deste cotidiano que molda as nossas relações com o trabalho, com os colegas, com as instituições e com a sociedade.

Olhar a carreira acadêmica, buscando trazer à luz os 'motivos de gozo assim como as armadilhas, desafios e mal-estares' é o objetivo central do ensaio. Nesse sentido, o texto permite a construção de diálogos nas múltiplas dimensões que aborda. Nos três segmentos em que se estrutura, o ensaio nos convida a pensar sobre as escolhas que conduzem à carreira acadêmica, sobre as satisfações que dela pode-se obter e, na conclusão, sobre o ritmo de vida e o volume de tensões desse ofício que, por sua magnitude, tem se constituído em séria ameaça à saúde dos seus atores.

O texto, no seu conjunto, instiga muitas diferentes perspectivas para se dialogar com a autora. O contraponto aqui construído ancora-se no meu olhar de pesquisador que vem se dedicando a compreender os vínculos que unem as pessoas aos seus trabalhos, às suas organizações, bem como as implicações desses vínculos para o trabalho, para as organizações e para os próprios sujeitos. Assim, este texto se estrutura a partir de um conjunto de questões que buscam, em essência, delimitar de que ofício acadêmico a autora está falando. A quem se aplica esse conjunto de idéias? Em que nível elas podem ser generalizadas? Em princípio, busco destacar que o 'ofício acadêmico' constitui um mosaico heterogêneo quando se consideram a complexidade e a diversidade dos contextos institucionais em que se inserem os docentes. Logo, muitas das idéias apresentadas como aplicáveis ao 'ofício acadêmico' no seu conjunto, na realidade, talvez caracterizem um segmento especial de acadêmicos. Fazer tais delimitações é a essência do empreendimento científico, algo tão central no nosso ofício acadêmico.

### O Ofício Acadêmico e suas Múltiplas Trajetórias

Ensinar e pesquisar, atividades centrais do ofício acadêmico, encontram-se estruturados, nas instituições de ensino superior, de forma muito heterogênea, apesar de o princípio da sua indissociabilidade ser largamente professado e aceito por todos.

\* Prof. Departamento de Psicologia/UFBA

Na maioria das instituições, não há pesquisa institucionalizada. O ofício acadêmico reduz-se drasticamente ao ensino. Na realidade, a exigência de pesquisa institucionalizada e de grupos de pesquisa atuantes é algo que, na nossa legislação, se espera de universidades. Centros universitários, faculdades integradas e faculdades isoladas, com pequenas diferenças, têm no ensino a sua missão básica. Tal fato, evidentemente, conduz a que o perfil do corpo docente, quanto à titulação, por exemplo, varie fortemente entre tais tipos de instituições de ensino superior.

No entanto, mesmo nas universidades - e dentre estas, as universidades públicas - a pesquisa não se encontra completamente disseminada em todo o seu corpo docente. Há importante segmento de docentes que, mesmo com titulação elevada, se dedica prioritariamente à prestação de serviços, ao ensino ou à gestão no interior de instituições em que a pesquisa é importante e bem estruturada. Muitos não se inserem em cursos de pós-graduação, apesar do crescimento fantástico deste nível de formação na última década. A estes, falta, certamente, um conjunto de pressões e demandas que marcam a atuação no sistema de pesquisa e pós-graduação, com seus mecanismos institucionalizados de avaliação permanente, calcados em desempenho individual e/ou coletivo.

Assim, é possível afirmarmos que o ofício acadêmico oferece aos seus membros a possibilidade de caminhos diferenciados, de trajetórias que se vão construindo a partir de interesses pessoais, percepção de competências, oportunidades de carreira e barreiras ou estímulos postos pelos contextos institucionais. É fundamental, também, levar em conta tal diversidade que marca o ofício acadêmico, para que possamos delimitar, mais do que fazer afirmações universalizantes, sobre como o docente se relaciona com o seu trabalho, com a sua organização empregadora e quais as conseqüências de tais relações sobre o seu sentimento de realização, prazer, desprazer ou sofrimento.

De fato, como se constata nas demais categorias ocupacionais, uma gama diversificada de valores e de significados atribuídos ao trabalho pode se encontrar na base da escolha pela docência e pesquisa. Os estudos sobre o 'significado subjetivo do trabalhar', em diferentes culturas, nos mostram como certas regularidades convivem com diferenças entre subgrupos, ocupações, organizações e mesmo países. Fatores motivacionais intrínsecos (realização, crescimento, servir à sociedade etc.) combinam com fatores extrínsecos (remuneração, *status*, poder). Este *mix* de motivações, presente em diferentes ocupações, também se encontra entre docentes, cabendo investigar que fatores podem estar associados à predominância de um deles ou a diferentes padrões de como são combinadas tais forças motivacionais pelos acadêmicos.

No caso da vida acadêmica, há que se considerar que esse quadro se diversifica a partir da interação entre valores gerais associados ao ensino e à pesquisa com valores mais específicos que configuram os *ethos* mais delimitados de profissões e campos de estudo. Convivemos no interior da universidade, portanto, com diferenças marcantes entre áreas mais aplicadas ou mais teóricas, entre domínios artísticos, humanidades, tecnológicos e, dentro destes, com várias outras segmentações.

Na realidade, a carreira acadêmica implica em vertentes distintas de atuação, com demandas de diferentes competências e com perspectivas nem sempre congruentes de valores. O ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão requerem perfis de competência diferenciados e não é comum encontrar-se, em um mesmo indivíduo, esta pluralidade de possibilidades de inserção. A indissociabilidade ocorre no plano institucional e nem sempre, com a mesma qualidade de desempenho, no nível individual. A autora reconhece esse fato ao destacar a diversidade de demandas psicológicas que são colocadas, por exemplo, ao professor e ao pesquisador. Esse quadro poderia ser ampliado se incorporasse as demais funções de prestador de serviços e de gestor, também desempenhadas por parcela importante de docentes universitários em combinação com a docência e a pesquisa. Esses caminhos dentro das instituições de ensino configuram subgrupos ocupacionais com características bem distintas, não sendo raros os casos em que transitar entre tais papéis se constitui numa fonte de tensão, de desafio e de sofrimento para

o professor. Tais caminhos também se associam a expectativas de recompensas e realizações que diferenciam os membros das comunidades acadêmicas.

É esta diversidade que torna arriscado fixarem-se requisitos pessoais como universais para todos que se inserem na academia. Se este não seria o caso, por exemplo, do gosto pela leitura e estudo, certamente a provocação, o debate, o gosto por pessoas e interações sociais não podem ser considerados requisitos que se aplicariam a todos os docentes e pesquisadores. Pelo contrário, o que vemos é, uma vez mais, um mosaico extremamente diversificado de características pessoais que não podem ser vinculadas, de forma direta, a quaisquer indicadores de êxito profissional. Ou seja, temos excelentes professores e pesquisadores tímidos e retraídos ao lado de outros sociáveis e voltados para interações sociais. Da mesma forma, temos entre nós, que fazemos a vida acadêmica, toda a diversidade humana nas diferentes dimensões que estruturam psicologicamente os indivíduos – mais ou menos criativos, mais ou menos motivados pelo crescimento, mais ou menos emocionalmente ajustados, mais ou menos competitivos e assim por diante. Creio que precisamos de estudos mais amplos que mapeiem essa diversidade e que possam apontar-nos que traços pessoais estariam na base da escolha de uma ocupação que, apesar de um núcleo comum, apresenta distintos modos de trabalhar e de produtos do trabalho, especialmente quando se consideram os múltiplos campos das ciências e tecnologias.

A carreira acadêmica é, certamente, tensionada por forças contraditórias como bem assinala a autora do ensaio. Os papéis de professor e de pesquisador colocam exigências psicológicas distintas e requerem padrões de relação diferenciados e nem sempre facilmente conciliáveis. A relação com os pares e com os alunos deve pautar-se por regras em que a cooperação necessária a qualquer empreendimento científico e indispensável em quaisquer processos de formação, deve ser buscada em meio a estímulos – explícitos ou não –, a posturas competitivas. Aqui, a comunidade acadêmica, a exemplo de quaisquer outros agrupamentos humanos, não se diferencia quanto às tensões que estruturam a sociedade maior em que se inserem. No campo da pesquisa, há a corrida pela primazia da descoberta e da divulgação de resultados inovadores ao lado de gestos de solidariedade que são indispensáveis à própria produção da ciência, cada vez mais ocorrendo no âmbito de grupos de pesquisa interconectados em redes mais complexas de relacionamentos. No campo do ensino, há disputa por espaços curriculares ao lado de trabalhos conjuntos para aprimorar ou modernizar os processos de formação. Tudo isso convive em dosagens diferentes em função de determinantes individuais e coletivos que modelaram historicamente cada contexto institucional.

A titulação, marca do sistema meritocrático que estrutura o nosso sistema de carreira, como nos alerta a autora, não é suficiente para assegurar ao docente um espaço próprio no universo acadêmico, sendo “necessário que o acadêmico seja um detentor - reconhecido pelos pares - de múltiplos capitais: intelectual, social, cultural, econômico; e, atualmente, a própria mobilidade se faz um valor em si mesmo”. Os sistemas de avaliação, tão consolidados no nível da pós-graduação, e em desenvolvimento no nível da graduação, são elementos importantes na disseminação de um conjunto de valores e metas que mostram que a titulação por si só não é suficiente. Esta tem que se traduzir em resultados visíveis, quer no desempenho científico (algo mais fácil de mensurar), quer no desempenho docente (algo ainda dificilmente avaliado).

As formas como as comunidades científicas se estruturam e funcionam e, em especial, os valores e normas que devem pautar a conduta dos seus membros, é algo que se transformou fortemente nas últimas décadas. Essa mudança leva-nos a ver como algo do passado a imagem do cientista isolado perseguindo suas descobertas e a verdade, como se ele pairasse acima dos valores e padrões culturais da sua época e da sua sociedade. Além da forte associação entre ciência e tecnologia, outra vertente de mudança tem-se imposto: o crescimento da demanda por interlocução interdisciplinar. Este talvez seja o desafio mais complexo e atual posto ao acadêmico – como romper a visão estritamente disciplinar em que

se formou, de forma a construir diálogos com outras disciplinas. Essa exigência, presente na produção de conhecimento, também se torna cada vez mais premente na atividade de ensino. O modelo taylorista que estrutura a maior parte da nossa formação universitária tem-se revelado cada vez mais insuficiente para dar conta da dinâmica do conhecimento e da necessidade de desenvolvimento de competências transversais que preparem o futuro profissional para um mundo em constante transformação.

Esse movimento – tanto da ciência quando do ensino – de maior interdisciplinaridade, de maior contato entre domínios de conhecimento e prática é, certamente, outra fonte de diversificação da realidade do profissional acadêmico. Ele ocorre em intensidade bastante diferente, se considerarmos os distintos campos de conhecimento e prática profissional. Embora tal tendência possa ser considerada geral, os acadêmicos experimentam níveis de demanda bem distintos para conciliar uma formação geral e específica, o domínio do seu campo e de linguagens de campos afins ou mesmo distantes. Temos, sem dúvida, domínios em que a necessidade de contatos interdisciplinares é clara e perseguida pelos acadêmicos, ao lado de outros domínios cujas posturas corporativistas que delimitam espaços profissionais próprios, aos quais se associam uma hierarquia de poder, são fortemente cultivadas.

Em síntese, a compreensão dos impactos – positivos ou negativos – do ofício acadêmico sobre seus responsáveis não pode prescindir de uma visão que tome como ponto de partida a diversidade que marca esse ofício, a diversidade de motivações que levam as pessoas a se dedicarem a ele e, sobretudo, a diversidade de trajetórias ocupacionais que podem ser construídas em contextos de trabalho muito distintos e em dimensões básicas dessa ocupação. Assim, mais do que buscar um perfil único ou um conjunto de competências facilmente identificável, temos que considerar que o perfil deverá apresentar matizes importantes, considerando o conjunto de fatores que contribuem para a diversificação desse campo profissional. Esta nos parece ser, possivelmente, a estratégia mais efetiva para ampliarmos a compreensão de como fatores pessoais, institucionais e sociais interagem para gerar produtos, tanto pessoais como sociais, da ação docente.

### Ofício Acadêmico: fonte de prazer ou de sofrimento?

É desnecessário um amplo levantamento da literatura para se perceber que o trabalho docente, hoje, em todos os níveis em que ocorre, é fortemente associado a uma ameaça à saúde física e psicológica do trabalhador. A natureza e a organização do trabalho docente são vistos, predominantemente, como fatores de risco, potencializando um conjunto de síndromes que vão do estresse ao *burnout*, passando pela depressão, pelos problemas decorrentes de fatores ergonômicos e incluindo vários outros sintomas físicos e psicossomáticos<sup>1</sup>. Os estudos e pesquisas em Psicologia do Trabalho têm sido pródigos em apontar os riscos associados ao exercício da docência: os poucos limites entre trabalho e tempo livre; a falta de valorização social do trabalho docente; sedentarismo, excesso de jornada, alta demanda sócio-emocionais ligadas ao exercício do ensino, entre tantos outros. A síndrome do esgotamento profissional (*burnout*) tem recebido uma atenção especial dos pesquisadores pelos impactos sobre o desempenho no trabalho: quando esgotados emocionalmente, os professores apresentam atitudes cínicas e negativas em relação aos alunos, tratando-os de forma despersonalizada. Tal síndrome

<sup>1</sup> Um bom exemplo de documento que sintetiza a situação de saúde do docente: *Condiciones de trabajo y salud docente: estudios de casos en Argentina, Chile, Ecuador, Mexico, Peru y Uruguay. Santiago: Oficina Regional de Educación de la UNESCO para América Latina y el Caribe, OREALC / UNESCO, 2005* ([http://www.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/condiciones\\_trabajo\\_salud\\_docente.pdf](http://www.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/condiciones_trabajo_salud_docente.pdf)).

se mostra extremamente grave para os profissionais que se valem das interações sociais como veículo central de consecução dos seus objetivos ocupacionais.

Vista a partir do retrato traçado pelas pesquisas no campo da saúde do trabalhador, que atrativo pode levar alguém a escolher ser professor? Sem questionar, em absoluto, a existência de fatores de risco e de doenças ocupacionais associadas à ocupação docente, por que tão pouca atenção é dada aos aspectos positivos do trabalho docente e que são fontes de prazer ou de gozo, valendo-me do termo utilizado pela Profa. Ester Freitas? Em que medida tais estudos se apóiam em quadros de referência amplos que considerem a complexidade dos fatores associados ao adoecimento, físico e psíquico de um trabalhador? Quantos professores apresentam uma vida emocional, afetiva, social, relacional saudável? Que razões levam os estudos nessa área a se preocuparem tão pouco com os fatores que determinam ajustes positivos entre indivíduo, trabalho e instituição?

Considero, portanto, algo bastante positivo no texto o fato de a autora destacar vários pontos que tornam o ofício acadêmico fonte de realização, de desafios positivos, de possibilidades de crescimento, de contatos e construção de redes sociais que dão suporte a uma vida intelectual e interior mais rica. A autora destaca, por exemplo, o significado de poder expressar quaisquer inquietações intelectuais (mesmo aquelas polêmicas e produto de bisbilhotices), a possibilidade de contato com universos muito diferentes de idéias potencializando novas aprendizagens, o convívio com figuras identificatórias importantes e, finalmente, a questão da autonomia que marca o exercício da profissão.

Ao afirmar tais características, no entanto, é preciso ter em mente alguns limites que, se não eliminam tais fatores de proteção, mostram que nesse universo há, também, tensões e paradoxos que desafiam o docente continuamente.

A liberdade de pensar e a de expressar continuam sendo vitais ao fazer acadêmico; no entanto, a ciência requer, cada vez mais, planos e projetos consistentes e amparados na produção científica existente. Creio que se reduz, cada vez mais, o espaço para 'delírios e caprichos' em um contexto de disputa por financiamentos e sistemas de avaliação pelos pares, os quais tendem a se tornar cada vez mais transparentes.

O contato com outras idéias, autores, lugares e temas é outra condição fundamental para um fazer acadêmico exitoso. No entanto, isto não ocorre sem as tensões decorrentes da existência de modelos mentais bem estabelecidos, de formas rígidas de pensar e de ver o mundo, por ideologias tão consolidadas que tornam tais contatos verdadeiras guerras abertas, mais do que oportunidades de aprender com a diferença. Ou seja, o acadêmico, como qualquer indivíduo ou profissional, não se despe dos seus esquemas cognitivos e está sempre aberto a revê-los; há muitos 'grupinhos fechados' ou 'pequenas comunidades' cujos processos de interação apenas fortalecem a sua própria forma de olhar o mundo além de criar linguagens tão herméticas que tornam o diálogo com os 'outgroups' extremamente difíceis.

E, finalmente, tem a questão da autonomia, tão bem ressaltada pela autora, como não existindo paralelo em outras profissões. A autonomia resiste às tentativas de padronizar e *taylorizar* a atividade docente. Nesse particular, embora a literatura aponte o avanço de modelos educacionais que restringem a liberdade do professor, o que se constitui em fator de risco à sua saúde psicológica, não se pode negar que, especialmente em contextos universitários públicos, o docente tem na sala de aula um espaço amplo para exercer a sua criatividade de forma autônoma e sem os controles burocráticos que existem em outros contextos profissionais. Se, por um lado, tal fato é positivo, não se pode esquecer que tal grau de autonomia, muitas vezes, associa-se à incapacidade de desenvolver e implementar projetos coletivos, certamente necessários quando se pensa na formação de um novo profissional. Não está aí, exatamente, a raiz da crise associada às mudanças de propostas curriculares? Onde está o ponto de equilíbrio entre a autonomia necessária e a subordinação a um projeto de formação que requer o concurso de muitos colegas?

Na realidade, a autora do ensaio tem consciência de tudo isto e, ao apontar os 'ossos do ofício', apresenta esse lado mais 'sombrio' de muito do cotidiano acadêmico - cobranças por uniformidade, alianças corporativas, clivagens em função de filiações teóricas, exclusão, competição; afirmando que "quando o ambiente de trabalho é ruim, na verdade ele é péssimo e os grupos vivem o tempo para fabricar e potencializar intrigas". E, conclui que a forma como o trabalho docente está se configurando na atualidade, o torna uma das mais estressantes ocupações no mercado, reafirmando o que as pesquisas sobre saúde do trabalhador apontam.

Um estudo em desenvolvimento no nosso grupo de pesquisa<sup>2</sup> toma o docente de ensino superior brasileiro como objeto de análise, buscando entender os seus vínculos com o trabalho, carreira, organização, além de seu bem-estar subjetivo, como fatores que podem ajudar a compreender os resultados do seu trabalho, quer em termos de produtividade científica, quer em termos de dedicação ao processo de ensino. Trabalhamos com uma amostra de mais de seiscentos professores que responderam a um questionário pela internet. Os resultados ainda estão sendo analisados, mas alguns dados iniciais nos dão algumas pistas interessantes sobre questões levantadas pela Profa. Maria Ester de Freitas.

Um primeiro achado refere-se ao elevado nível de comprometimento com a carreira entre os docentes, especialmente aqueles com nível mais elevado de titulação e que estão em instituições públicas. O vínculo com a carreira é bem mais forte do que o vínculo com a instituição. Tal resultado fortalece as expectativas de que ao escolher a academia somos guiados por valores intrínsecos e, ao mesmo tempo, nos indica que este vínculo pode ser enfraquecido em contextos institucionais que não asseguram a plena realização de tais valores e expectativas.

Há no senso comum uma representação de que o magistério é escolhido por 'vocaçãõ', por um interesse intrínseco pelo trabalho e, portanto, que os aspectos extrínsecos, nos quais se inclui a remuneração, não têm tanto peso na escolha. Essa representação, de forma paradoxal, convive com outra crença e atribuição - a de que a qualidade do ensino é deficiente devido a pouca valorização e à baixa remuneração do trabalho docente. Se o docente não busca dinheiro e sim realização, o salário (mais baixo) não deveria explicar possíveis déficits de desempenho. Na realidade, as nossas representações cotidianas de quaisquer objetos não são necessariamente coerentes entre si.

Quando consideramos o vínculo com a instituição empregadora, ele é mais fortemente de natureza afetiva do que instrumental. O vínculo afetivo é positivo, porém não muito elevado e, nesta dimensão, não há diferenças significativas entre instituições públicas e privadas. O vínculo do docente de instituições públicas, no entanto, é menos instrumental do que o do docente de instituições privadas. No contexto das instituições privadas, o docente percebe maior falta de recompensas e oportunidades e menos alternativas para deixar a organização, o que amplia a força do vínculo instrumental. Na realidade, o sentimento de obrigação pelo desempenho é o componente de natureza normativa mais forte no vínculo que o docente estabelece com a sua instituição, o que pode ser decorrência do forte comprometimento que possui com a sua carreira.

Um segundo conjunto de dados nos permite, por outro lado, problematizar os resultados de estudos que apontam a carreira docente como altamente propiciadora de adoecimento psíquico. Os professores, ao avaliarem o seu bem-estar subjetivo, apresentam níveis bem elevados de satisfa-

<sup>2</sup> O Grupo de Pesquisa 'Indivíduo, Organizações e Trabalho: processos psicossociais', vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Administração e inserido no Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público - ISP/UFBA, dedica-se à investigação, entre outras questões, dos vínculos que os trabalhadores desenvolvem com o seu trabalho, sua organização, sua profissão. Entre os estudos em desenvolvimento, encontra-se uma pesquisa voltada para compreender o comprometimento organizacional e com a carreira entre docentes do ensino superior no Brasil e suas relações com o desempenho, produtividade científica e bem-estar subjetivo.

ção com a vida, indicam a vivência mais intensa de estados emocionais positivos (ativo, produtivo, decidido, determinado, entusiasmado, alegre, por exemplo) e pouca vivência de sentimentos negativos (angustiado, aflito, irritado, deprimido, transtornado, desanimado, abatido). Na amostra estudada, portanto, não é possível enxergar o quadro de um exercício profissional que conduz parcela significativa, entre outras coisas, à síndrome de esgotamento emocional. Pelo contrário, os professores participantes do estudo mostram níveis bastante positivos de bem-estar psicológico. É importante assinalar que, neste particular, não foram encontradas diferenças significativas entre professores de instituições públicas e privadas.

Explorar as fontes de tensão e de prazer do trabalho docente nos remete a pensar a natureza em si desta ocupação. Maurice Tardif<sup>3</sup> nos oferece reflexões interessantes, ao destacar que o professor tem, sobretudo, a tarefa de gerenciar relações sociais o que, inevitavelmente, implica em tensões, negociações e estratégias de interação. Ele se vê, sempre, tendo que encontrar pontos de equilíbrio entre demandas conflitantes: olhar cada aluno individualmente e o grupo como um todo; agradar aos alunos para motivá-los sem criar pactos de mediocridade, sem gerar favoritismos e sem abandonar o papel de mentor e orientador que a sua experiência e conhecimento lhe asseguram. Todas essas decisões são tomadas ao longo do próprio processo de interação, o que exige um investimento pessoal do professor para que o aluno se envolva no processo de aprendizagem. Nesse sentido, afirma o autor, a personalidade do professor é um componente do seu trabalho, o que o caracteriza como um 'trabalho investido'. Em tal trabalho, características de personalidade do trabalhador – traços, emoções, afetos – integram o processo de trabalho, algo que acontece em todas as ocupações cuja interação social é o veículo da ação profissional.

É esta natureza do trabalho docente que faz com que todos os fenômenos e processos – quer de adoecimento, quer de saúde; quer de envolvimento e dedicação; quer de frustração com o seu trabalho – não possam ser explicados com base exclusivamente em fatores situacionais ou contextuais. Complexas equações devem apontar a interação entre características pessoais e contextuais. E isso, sem dúvida, é o que fortalece a necessidade de que tenhamos uma perspectiva contingente ao fazer quaisquer afirmações sobre o ofício docente, evitando generalizações fáceis e fugindo de estereótipos que podem corresponder a subgrupos com os quais mais convivemos.

É esse cuidado que temos de ter ao ler o ensaio 'A carne e os ossos do ofício docente'. Se ele pontua com equilíbrio os aspectos positivos e saudáveis assim como os negativos e doentios associados a esta ocupação, temos que caminhar no sentido de tornar o conjunto de asserções feitas mais precisamente delimitadas, indicando a heterogeneidade que marca o exercício da docência, tanto em termos das características pessoais quanto dos contextos institucionais. O ensaio cumpre, portanto, o papel de instigar o espírito investigativo e gerar estudos que possam transformar vivências, impressões, percepções em descrições mais precisas ou circunstanciadas que ajudem a compreender, explicar e, quem sabe, atuar sobre os fatores que podem transformar o trabalho docente em fonte potencial de crescimento e bem-estar de todos – alunos, professores, instituições e a própria sociedade.

<sup>3</sup> TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação docente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.